

## APRESENTAÇÃO

### Cotidianos Quilombolas

Linguagens e saberes na Amazônia são palavras de uma amplitude tão plural que discutir sobre isto é tema para mais de um dedo de prosa, na verdade para muitos bons momentos de percepção desse mundo de águas, de rezas, de manifestações culturais, de caminhos, veredas, lutas pela terra e pelo auto-reconhecimento, espaço de seres com saberes os mais diversos, que falam, que cantam, que nos encantam. Linguagens e Saberes na Amazônia é assunto para mestres da academia, da comunidade, mestres da vida.

Saber uma Amazônia marcadamente negra, presentificada historicamente por lutas pelo direito à terra, pode parecer coisa nova ou aparentar invenções de sonhadores mas quando mergulhamos nestas florestas e desvendamos os mundos sociais encontramos e damos visibilidade a sociedades comunitárias complexas, como o que se apresenta nesta revista com a temática **“Cotidianos Quilombolas”**.

A ideia de uma Amazônia como um vazio demográfico se desfaz nos caminhos e caminhadas de pessoas que carregam uma herança secular, a de remanescentes de quilombos, que ainda sofrem pela invisibilização dos órgãos oficiais, que ainda travam lutas por questões fundamentais para a própria sobrevivência como o direito à educação, o direito à terra, o direito ao auto-reconhecimento, muitas das vezes ao básico direito de ir e vir.

Os Pés que andam, os pés que dançam (Fernandes, 2011) levam a fé e a força de quem acredita na vida, e continua na luta, na lida, sonhando sempre com dias melhores mas sem deixar de lado seus valores, suas crenças, com aquela memória que ainda é, em muitos casos, o ponto de referência sobre o qual se debruçam os pesquisadores, mas também a comunidade, as famílias, os jovens que mantêm vivo o ideal de liberdade, de visibilidade.

A tessitura entre a Academia e as comunidades remanescentes entrelaça-se com a naturalidade do tecer do pano ou da corda do muruti, pois assim deve ser, a fé dos pesquisadores, mestres sonhadores, é a mesma dos devotos de São Brás, de São Benedito, de Todos os Santos, o estar lá não é uma idealização acadêmica, é uma realidade necessariamente maravilhosa pois nos tira de nossa zona de conforto nos põe, definitivamente, nas relações sociais, comunitárias, familiares, de trabalho. Nos faz refletir o porquê da pesquisa, seus objetivos e o legado da mesma para quem pesquisa e para quem ao ser pesquisado transforma-se em seu co-autor. Sem mais, compondo o *Dossiê Amazônia*, vamos aos diálogos entre saberes.

Assim, vamos receber a análise **“Os impactos das práticas comerciais da empresa de cosméticos Natura na comunidade quilombola do Jacarequara em Santa Luzia do Pará-PA”**, de Alessandra Damasceno de Almeida e Arthur Boscariol da Silva, que nos trazem uma abordagem analítica acerca das práticas comerciais estabelecidas entre a empresa de cosméticos Natura e a comunidade quilombola denominada Jacarequara, localizada do município de Santa Luzia do Pará, Nordeste paraense. A comercialização da amêndoa do murumuru, antes um fazer natural, coletada da floresta pelos quilombolas, agora é posta na mesa de negociações e vendida à empresa para a produção de cosméticos como sabonetes, hidratantes óleo corporal, entre outros. A compreensão da parceria comercial a partir do regime de acumulação flexível no século XXI e em seu comportamento geográfico é o foco a ser percebido, a partir de um debate cujo objetivo é verificar se ocorreram implicações socioespaciais ocasionadas pela parceria comercial com a empresa na organização estrutural do espaço geográfico.

A **“educação, sujeitos da educação e relações etnicorraciais”**, de Andreany dos Santos Silva, Kátia Barros Santos e Paulo Lucas da Silva vem lembrar um dos fatores cruciais que ainda estão distantes de muitas comunidades a educação, discutindo as relações etnicorraciais – brancos e negros –, analisando concepções e práticas que geraram ideologias ao longo da história brasileira, especialmente no campo educacional. Os autores procuram identificar as percepções que os professores e alunos tem sobre a realidade, concepção e papel dos negros na sociedade.

**“Pimenteiras: os saberes na identidade da comunidade remanescente de quilombola”**, de Antonia Edylane Salomão Santos, traz-nos **“Os Estudos Terminológicos das Plantas Medicinais da Comunidade Remanescente de Quilombola de Pimenteiras-PA”**, propondo indagar sobre a valorização e preservação da identidade cultural dos moradores da comunidade de Pimenteiras em Santa Luzia do Pará, por meio da obtenção do direito ao título definitivo da terra quilombola. Os costumes dos moradores da comunidade em questão surgem no intuito de conhecer melhor sua cultura, a diversidade na natureza e seus anseios de obter a titularidade da terra, no intuito de preservação da cultura e saberes da comunidade quilombola.

Antonio Edson Farias convida-nos a conhecer a comunidade de remanescentes do Jacarequara, em **“Religiosidade, cultura e identidade: Festividade de São Braz, na comunidade quilombola do Jacarequara, em Santa Luzia do Pará”**, tendo como mote as manifestações da religiosidade, levando-nos a compreender como os seus membros pensam e se organizam na festividade de São Brás, através de suas formas de organização social e auto-

afirmação; assim como as tensões durante a realização da mesma. Uma festividade produzida por leigos, na qual o caráter sacro é evidenciado na ladainha de São Brás. Concordando com Maués (1995) quando diz-nos que os leigos fazem a festa de santo nessa manifestação de catolicismo popular eivada por hibridismos ou mesclas culturais, o autor busca entender em que sentido isso demarca o auto-reconhecimento de descendentes de africanos escravizados ali existentes a partir dos saberes produzidos cotidianamente.

Em **“Comunidade quilombola do Tipitinga: Organização, identidade e direito à terra”**, Arivaldo Silva de Araújo e Antonio Edson Farias discutem a organização da comunidade quilombola do Tipitinga e o direito do acesso à terra em Santa Luzia do Pará. A luta organizada da família Vitorino Ramos através da Associação de Moradores Quilombo do Tipitinga pela conquista do título único e coletivo iniciou-se no ano de 2005 através da criação da associação AMORQUIT. Foram 03 anos de persistência, enfrentando a burocracia, até que no ano de 2008 foi lhes concedido o título almejado, garantindo o direito ressaltado na Constituição Federal, oficializando o direito à terra daqueles moradores. mostrando que é mais fácil conviver com as águas barrentas (significado de Tipitinga em língua Tembé) do que com as barrentas negociações da legalidade.

**“O ‘caminho fundo’: história, movimento social e sentido de *pertença* na associação remanescente quilombola do Cigano (ARQUIC, Tracuateua-PA)”** de Danilo Gustavo Silveira Asp e Fabrício Rodrigues dos Santos nos encaminham na trajetória histórica de ocupação do espaço físico e social do Cigano, área da Amazônia Oriental, no Nordeste paraense, mais especificamente na Região Bragantina, no interior do município de Tracuateua. O artigo é a vereda interiorana que nos leva a perceber como um trabalho que nasce da participação de Danilo Gustavo Asp, no Projeto “Quilombolas do Cigano & Equidade Racial: história, educação e políticas públicas (Tracuateua/PA)” elaborado pelo mesmo, proposto através da Associação Remanescente Quilombola do Cigano (ARQUIC), em parceria com a Escola Municipal “Odilon Iolanda Pontes, contemplado no Edital “Gestão Escolar para Equidade Racial – Juventude Negra”, pode ser transformado em produção deverasmente politizada e é esse engajamento que a academia e nos leitores procuramos. Caminhemos...

Fabrício Rodrigues dos Santos em **“Cordas que Tecem a História: Identidade e Cultura Quilombola na Amazônia Paraense”** dá-nos os relatos de moradores da Pontinha, a localidade faz parte de uma grande porção de terras onde, no passado, várias famílias de negros na busca da liberdade a habitaram e ali constituíram seus pequenos grupos familiares. A tessitura vai além das cordas do muriti, encaminham os leitores para a região dos Campos

de Traquateua, o caminho denominado de “Pontinha”, pelo qual as famílias Gomes, Rosário e Monteiro foram precursoras e remanescentes de outras comunidades quilombolas de Tracuateua (Torre e Cigano), e agora nós, seguindo as tessituras do narrador desbravaremos a Ilha/Pontinha, fazendo o trajeto de outras famílias de traços nordestinos e indígenas que também passaram a fazer parte do território.

Glayce de Fátima Fernandes da Silva traz a pergunta que em forma de afirmativa gera o auto reconhecimento: **“Os quilombola vem da parte dos morenos, né? daí da África”**: **identidades quilombolas entre os moradores da comunidade de Jurussaca**, que situa-se em Tracuateua/PA (localizada na Amazônia Oriental) abordando a temática das identidades quilombolas. O trabalho busca interpretar e refletir sobre a construção das identidades dos moradores da comunidade de Jurussaca como quilombolas. A identidade social dos moradores de Jurussaca foi elaborada a partir de quatro elementos: a origem comum, a luta pela posse da terra e titulação coletiva, a cor da pele (ser preto) e no sobrenome comum (Araújo), somados a outros elementos dessa identidade, como as relações de parentesco, o pertencimento e as redes de parentesco, além das práticas religiosas e crenças presentes na comunidade. Todos esses elementos representam não apenas Jurussaca mas a própria formação da população amazônica, em especial as comunidades da Região do Salgado Paraense.

Jair Francisco Cecim da Silva é autor do artigo **“A Comunidade Quilombola de Jurussaca e sua (Possível) Ligação com o Grupo étnico indígena Jê”**. No estudo, parte de sua tese de doutoramento, o autor aborda questões relacionadas à influência indígena em comunidades quilombolas da Amazônia, mais especificamente na Comunidade Quilombola de Jurussaca, que de acordo com nossa pesquisa sobre a morfologia territorial da comunidade possivelmente possui ligação com o grupo étnico indígena Jê. Somadas às pesquisas que já apontam para as ligações étnico-africanas dessa Comunidade, o autor afirma que não devemos referenciá-la como afro-brasileira, mas sim como afro-indígena.

E a caminhada segue, como o cortejo histórico Bragança, Traquateua, Ourém...

Em **“Escravidão, resistência, fugas e a formação de quilombos/mocambos em Ourém do Grão-Pará (finais do século XVIII a 1830)”**, de Rozemberg Ribeiro de Almeida e Francivaldo Alves Nunes, o grito de liberdade ecoa com a ideia geral de como os escravizados da vila de Ourém e região sobre sua jurisdição construíram mecanismos de resistência ao regime de trabalho compulsório, buscaram fazer-nos compreender os vínculos criados entre diversos agentes, sobretudo negros e índios, que em muitas situações alimentavam os mesmos objetivos, ou seja, serem livres.

Na *Seção Livre*, temos o estudo de Lena Claudia dos Santos Amorim, o qual trata da **“Pintura Corporal e Arte Gráfica entre os Tembé”**. No artigo, a autora discute como se constrói o conhecimento e identidade das crianças e jovens indígenas nas aldeias Sede e Cajueiro, situadas na Terra Indígena Alto rio Guamá. A discussão propõem apresentar que a práticas cotidianas viabilizam a aprendizagem desses sujeitos como a pintura corporal na relação com a afirmação da identidade.

Neila de Jesus Ribeiro Almeida, apresenta o estudo **“Populações da Amazônia e suas Dinâmicas Socioambientais”**, o qual trata, segundo a autora, de abordagens socioambientais em ecossistema de manguezais na região costeira do estado do Pará, especificamente na Resex Mocapajuba no município de São Caetano de Odivelas. Traz como discussão as dinâmicas sobre proteção desse ecossistema a partir de aspectos sociais e ambientais pautados nos conhecimentos das populações que habitam essa região. Entre esses grupos destacam-se os tiradores de caranguejo (*Ucides cordatus*), chamados de pescadores extrativistas, por estarem registrados profissionalmente nessa categoria.

Paulo Santiago de Sousa, Michele Barbosa Cruz e Gunter Karl Pressler são autores do artigo **“Yautí Mira Katú ou As Fábulas Sobre o Jabuti Caçador- CH. F. Hartt (1875), J. Couto de Magalhães (1876) e G. Stefani (1998)”**. No artigo, os autores objetivam mostrar a variedade das interpretações das lendas do jabuti contadas pelos povos indígenas, bem como destacar pontos de divergentes e convergentes dessas interpretações. Apresentam um estudo inicial sobre os contos e/ou as lendas coletas por Charles Frederick Hartt (1875), Couto de Magalhães (1876) e a análise de Giancarlo Stefani (1998), realizado sobre as fábulas do Yautí. Suas reflexões indaga sobre as narrativas colecionadas na língua Tupi ou Nheengatu e suas interpretações sobre a “voz autêntica” e projeção cultural desses autores.

Os *Ensaio Etnofotográficos* deste número trazem grandes contribuições à divulgação dos conhecimentos na Amazônia. **“Envoltos nos Saberes Tradicionais: Comunidade Quilombola e o Cotidiano Particular”**, de Emanuele Nazaré da Silva e Daniel dos Santos Fernandes, apresenta a discussão acerca de como os cotidianos, trajetória histórica e cultural e os saberes tradicionais são tidos como ferramenta importante e necessária para a perpetuação de laços de identidade e relação de pertencimento entre muitos Povos e Comunidades tradicionais. Salientam a heterogeneidade dessas populações, haja vista que todas elas possuem suas especificidades e isso também está ligada a maneira como lidam com os saberes tradicionais, como ocorre no município paraense de Inhangapi, há 91 km de Belém, onde está localizada a comunidade Quilombola Itaboca, Cacoal e Quatro bocas.

José Ataíde dos Santos nos apresenta o ensaio intitulado **“Os Saberes, a Tecnologia e Sociabilidade no Processo de Fabricação de Farinha de Mandioca na Comunidade de Quilombo de Santa Rita de Barreira no Município de São Miguel do Guamá-PA”**. O autor observa as possíveis transformações advindas pelo processo tecnológico na comunidade referida e sua dinâmica social que envolve valores concretos e simbólicos, diz, “que jorram expressivas trocas de experiências”.

Na seção de **Vídeos Etnográficos** está **“Marierrê 2016”**, vídeo produzido pela própria comunidade da Vila do Carapajó, município de Cametá-PA, uma manifestação artístico-cultural afro-brasileira celebrada anualmente nos dias 25 e 26 de dezembro. Esta celebração, tradicionalmente acontece desde o período em que a região era um grande engenho sustentado por negros escravizados. Entre a religiosidade e devoção a Nossa Senhora do Rosário e o batuque e dançar de uma melodia chorosa, alegre e ritmada há o registro etnográfico em vídeo da devoção católica de um povo que conhece um deus que sabe dançar. “O Rei com a Rainha mandou convidar: Vamo pro Rosário levar Mãe de Deus!”

Ketno Lucas Santiago, Francisco Pereira Smith Júnior e Ana Paula Vieira e Souza trazem ao debate a **“Infância Amazônica no Contexto da Produção de Farinha no Quilombo do América”**. O vídeo apresenta, então, o contexto cultural que envolve a temática e sobre a região estudada, a saber, Região dos Campos no município de Bragança-Pará, de crianças divididas entre o brincar e brincadeiras na subsistência da comunidade.

Dessa forma, criaram acordos e alianças para se fortalecerem mediante a repressão das diligências que buscavam capturar os escravos fugidos. A liberdade se materializa em povoados no meio da mata. E assim seguimos nossos diálogos. São, como será lido, diálogos estabelecidos, caminhos mostrados, trilhas abertas, convite lançado a percorrer estas veredas, a desbravar conosco estes saberes em que o auto-reconhecimento é mais que a luta de remanescentes, é também um conhecer a nós mesmos, um andar por nossas origens, um olhar para nossas produções culturais, muito mais que acadêmicas. As águas barrentas estão aqui, banhando as pedras onde os jacarés quaram, os miritis de cujo olho saem as fibras para tecer tantas cordas, entrelaçadas em outras lutas, amarradas em Leis, conquistas, como este livro que hora se apresenta fortalecendo a interculturalidade na Amazônia paraense.

Dr. Assunção José Pureza Amaral

Dra Maria Roseane Corrêa Pinto Lima

Me. Antônio Edson Farias